

# Para muito além do olhar

Jussara Maria da Silva

**Resumo:**

Neste trabalho, relato a forma de ver, perceber, sentir e fazer arte em dois momentos distintos: antes e após minha cegueira. Inicialmente abordo a evolução da arte, questionando o belo, os valores e padrões pré-estabelecidos, os critérios de avaliação. Falo da comoção e piedade das pessoas que não conseguem ver a arte do “deficiente”, e da discriminação, prejudicando o desenvolvimento das habilidades e independência do deficiente. Concluo que arte é arte em qualquer momento, ou situação, não importando quem a faça.

**Palavras-chave:**

Artistas cegos. Artistas deficientes físicos. Discriminação contra os deficientes. Auto-avaliação.

---

Artista Plástica-Graduada em Artes Plásticas.

PONTO DE VISTA , Florianópolis, n. 6/7, p. 133-146, 2004/2005

Jussara Maria da Silva

## Beyond the look

**Abstract:**

In this work, I report on the form of seeing, perceiving, feeling and making Art in two distinct moments: before and after my blindness. I first address the evolution of art, questioning concepts of beauty and pre-established values and standards and evaluation criteria. I speak of the disturbance and pity of people who are not able to see the art of the “disabled” and of the discrimination that harms the development of the abilities and independence of the disabled. I conclude that Art is Art at any moment, or in any situation, it does not matter who makes it.

**Key words:**

Blind artists. Disabled artists. Discrimination against the disabled. Self-evaluation.

## **Introdução**

Falar de Arte é muito envolvente, misterioso e profundo. Tão profundo, quanto falar do Eu, ainda mais quando queremos falar do valor do produto artístico e do valor estético da Arte. Para falar do tema acima proposto, vou me reportar a dois momentos distintos, vividos por mim: o primeiro é fazer arte vendo, e o segundo é também fazer arte, mas através do tato. A partir desta introdução, estarei falando dos conceitos e dos valores estéticos, das questões pertinentes à forma do olhar e, por último, da discriminação.

## **Ver e fazer arte**

Quando comecei a cursar a disciplina de Artes, é claro que a avalanche de informações foi muito grande. Seriam necessários muitos olhos para alcançar tudo o que eu queria ver. As paixões foram muitas. A cada momento, eu me envolvia com teatro, música, desenho artístico, desenho arquitetônico, pintura, aquarela e escultura.

Demorei um pouco para descobrir a cerâmica, mas, quando isso aconteceu, foi surpreendente a minha relação com a argila. Apesar desta relação ter sido tão próxima, mesmo assim, eu me sentia bloqueada, pois o rigor que tinha comigo era imenso. Tudo o que fazia primava pela perfeição de formas, linhas, volumes, cores e simetria. As informações continuavam crescendo e, junto com elas, caminhavam as influências, que eram visuais, oralizadas, escritas e de apreciadores.

Logo comecei a tentar, à criar alguma coisa, mas muito timidamente, pois, com tantas influências, foi muito difícil saber qual o rumo certo que eu deveria seguir. Foram momentos de muita insegurança e insatisfação, pois o que eu criava, ou tentava fazer, não me satisfazia, porque, na realidade, eu não estava conseguindo expressar tudo o que eu queria, porque as influências permaneciam presentes em meus trabalhos, não permitiam que eles tivessem uma vida própria. Assim, decidi dar um tempo e acabei me afastando da arte, mas sempre acreditando que mais tarde haveria um retorno.

## **Fazer arte através do toque**

Retornei para a arte de uma forma inesperada. Quando a cegueira chegou, procurei me ocupar da arte de uma forma agradável. Foi quando comecei a me relacionar com a argila, a cerâmica propriamente dita. Este reencontro

foi maravilhoso, pois descobri que o tato é um dos sentidos tão importantes quanto a visão. A lembrança visual ajudou muito para a minha evolução, que foi gradativa e muito rápida, pois, em pouco tempo, eu já me encontrava totalmente adaptada à nova forma de ver as coisas. Tudo ocorreu num crescente só: todos os sentidos, como a sensibilidade para perceber emoções, sentimentos, vibrações e prazeres se aguçaram de tal forma, que ficou muito mais fácil expressá-los, através dos meus trabalhos.

Quando recomecei a trabalhar com a argila, foi evidente que, no início, pintou uma certa insegurança, pois havia a necessidade de ter a opinião das pessoas, para saber como elas estavam vendo os meus trabalhos e, além de tudo, ainda havia o medo do sentimento de piedade. Isso eu temia muito. À medida que eu fazia os trabalhos, eles iam crescendo, tanto em qualidade, quanto em tamanho. Também crescia, dia-a-dia, a mudança dos valores. Em todos os sentidos, a mudança foi radical. Passei a valorizar a harmonia e o movimento das formas irregulares, das linhas, do volume, das texturas, a suavidade e a leveza, deixando de lado totalmente o perfeccionismo.

Começou, então, uma nova era em minha vida. Hoje existe satisfação em tudo o que faço, o que não havia no passado. Já não preciso mais buscar, pois sinto que consigo expressar tudo o que quero em meus trabalhos. Não ver, não é mais problema como eu acreditava que seria, a princípio.

## **Dos conceitos**

Sabemos que a beleza e a estética têm sido um assunto envolvente, considerando-se o objeto de reflexão de muitos autores há muitos anos. É somente a partir do século XVIII, que a Estética passou a configurar como ciência da criação artística que tem como temas principais: a origem da criação artística e da obra poética; a análise da linguagem artística; a conceituação dos valores estéticos; a relação entre forma e conteúdo e demais expressões artísticas.

O que é belo? Este tema é instigador e foi tratado por muitos estudiosos. Como exemplo do que já foi dito sobre o belo, temos Platão, Aristóteles, Kant e muitos outros que poderíamos estar citando. Cada um deles abordava o belo ou criticava a arte, em diversos aspectos. A seguir, listo alguns pensamentos destes e de outros pensadores, como segue: que o belo é o bem, a verdade e a perfeição; que o belo é loucura, é espiritualidade; que a arte é a produção da ilusão da realidade; que uma das condições para se alcançar o belo é a grandeza e a ordem; que o belo é o que agrada universalmente sem relação com qualquer conceito; o

belo não depende da atração e nem do conceito de utilidade e de perfeição; a arte é a produção da beleza de acordo com a liberdade; a arte é a expressão da consciência de si próprio; qualquer ato artístico é meio de expressão (FONTES, [200-?]; VALE, [200-?]).

Como podemos perceber, foram muitas as formas de pensar e falar do belo e da arte ao longo dos tempos. E até os momentos atuais de nossas vidas, estas permanecem sendo um tema muito instigador e de constante questionamento.

Atualmente, com o advento das rápidas mudanças tecnológicas, transformações ocorreram em todas as áreas. Mas foi a partir do século XIX que alguns fenômenos no campo conceitual e no instrumental vieram facilitar a execução de qualquer atividade. A primeira novidade se dá quando acontece a entrada da arte na era das produções tecnológicas, primeiro com a gravura e com a fotografia, depois com o cinema, vídeo e o computador, nestes casos, possibilitando a substituição das mãos pelos instrumentos e a tecnologia. Toda essa evolução, do “lambe-lambe” à máquina digital, não foi bem digerida pelos artistas tradicionais que reagiram contra a fotografia e, muito menos, pelos fotógrafos que faziam questão de mostrar suas habilidades com as mãos em todas as etapas do processo do trabalho (ENTLER, 1996). É inegável o que a tecnologia nos proporcionou, pois, ao pararmos para pensar, veremos o quanto ela facilitou nossas vidas, a tal ponto que substituiu operações difíceis e morosas, por um simples toque em um botão para tudo transformar-se, a nossa frente, de uma forma quase irresistível aos nossos olhos.

Todas as formas de tecnologia ajudaram nas transformações da música, na fotografia, na pintura, na escultura, na poesia, no teatro, no cinema e no desenho, provocando mudanças nos conceitos e valores estéticos.

Com certeza, o computador foi um componente importante que ajudou a tornar muito mais fáceis todos os desdobramentos, agilidades, e possibilidades para combinar e ter uma maior interação com a arte.

Mas temos consciência de que, antes mesmo da chegada da tecnologia, já existiam tais propostas com uma certa dosagem de irreverência. Como exemplo, podemos citar as performances, onde o público atua junto, ou as instalações de elementos na escultura e, até mesmo, na pintura, na adaptação de instrumentos musicais, como latas, madeira, etc.

Sabemos o quanto a tecnologia contribuiu para todas as esferas profissionais e, dentre tantas, a arte aproveitou muito disso, a tal ponto de provocar um conflito entre as categorias artísticas. Pois havia aqueles que achavam que a

arte iria se acabar com a introdução do computador; mas, como vimos, aconteceu o inverso. O computador, de vilão, tornou-se uma tecnologia maravilhosa que ajudou na melhoria de muitas coisas. Um exemplo que podemos citar: no aproveitamento do tempo, pois há algum tempo levaríamos dias para concluir um trabalho, hoje levamos algumas horas com a ajuda do computador; na recuperação de filmes e livros; na medicina; na qualidade do som; nos meios de comunicações; na industrialização e em tantas outras melhorias.

Todo este movimento tecnológico veio contribuir para as transformações em diversos aspectos de nossas vidas, mas não podemos esquecer que o sentimento e a emoção são muito mais importantes e sempre deveremos preservar o sonho e a fantasia.

Não pretendo, aqui, discutir ou falar dos conceitos ou movimentos artísticos, mas não posso deixar de citar Ferreira Goulart escritor, poeta e crítico de arte. Ele trata o assunto Arte, de uma forma simples, direta e sem medo do que diz. Goulart produziu os ensaios como o Manifesto Neoconcreto, Movimentos de Vanguarda nos anos de 59 e 60 anos, Cultura Posta em Questão e Vanguarda e sub-desenvolvimento, que foram reeditados em 2002 e Relâmpagos em 2003. São estes os últimos ensaios que tratam dos movimentos artísticos desde os anos 60 (GOULART, apud Revista Cult, nº 60, 2002).

Goulart em entrevista à Editora Cosak Naife, fala que “a arte verdadeira é sempre nova” e afirma que ela existe, mas “com certeza, a arte verdadeira não é a arte conceitual”. Compartilho a idéia de Goulart, quando ele diz que a arte conceitual não é arte, pois também me questiono assim, uma vez que não compreendo o por quê precisamos de auxílio de textos ou explicações para poder compreender uma obra de arte. Não existe sentido nisso. O mesmo ocorre em alguns momentos no contexto da arte contemporânea, pois, ela não está restrita à experiência do olhar. Acredito que uma obra de arte deva por si só expressar emoções e sentimentos, ou então, deixa de ser arte.

No meu entender, a arte deve ser para o povo e não para uma elite intelectual com discursos que o povo não consegue entender. As obras devem ter uma linguagem ou compreensão e sensação visual, sem que haja necessidade alguma de texto para explicá-las.

Finalmente, podemos perceber que os conceitos mudam de acordo com os movimentos artísticos e, até mesmo, com a evolução da tecnologia. Mas, com certeza, o belo será sempre uma questão muito pessoal, isto é, sensorial.

## Dos Valores

Agora passo a falar dos valores, que tanto nos interessa. Acredito que sejam diferenciados os valores para quem vê e para quem não vê. Vou me reportar ao que falei no início do meu texto. Pois bem, na época da graduação, quais eram os meus valores, o que eu entendia por valor? Não posso me considerar como regra, mas acredito que uma boa parte das pessoas já passaram por momentos de confusão de valores, como aqueles vividos por mim no passado.

Sabemos que os padrões pré-estabelecidos nas correntes artísticas, na moda, na procura da perfeição e do belo, são alguns dos fatores que provocam algumas mudanças e transformações de valores, influenciando a educação, a cultura, a arte, o comportamento das pessoas. Estes fatores, em alguns momentos, conduzem o artista a seguir as tendências, deixando de lado o que realmente quer, tornando secundário o seu desejo de expressar os seus sentimentos e emoções.

Como hoje tenho conhecimento de que são estes ditos padrões pré-estabelecidos que interferem na nossa criação, por este motivo, procuro manter-me afastada deles. Fazer isto hoje para mim tornou-se muito mais fácil, pois, neste ponto, a cegueira me beneficia, porque não sou capturada pelas influências visuais. Muitas vezes, nas informações visuais, moram os perigos. Com tantas influências visuais, fica muito difícil criar alguma coisa, porque a tentação visual é muito grande. Querendo, ou não querendo, sempre acabamos reproduzindo algo com vestígios da imagem visual. Hoje, ao tentar resgatar a minha memória visual, percebo que restou muito pouco dela e o que me recordo são das mulatas, com lábios carnudos pintados por Di Cavalcanti, a pintura de Anita Malfati que retrata figuras com pés muito grandes, como se quisessem sair da tela, os girassóis de Vicent Van Gogh, com pinceladas muito rápidas, a Monalisa de Leonardo da Vinci, com aquele sorriso e olhar malicioso. Todos estes trabalhos que citei foram vistos por mim, através de fotografias ou livros e eles são de um passado mais distante. Mas recordo-me ainda, de um passado mais próximo, uma das últimas exposições que visitei, quando ainda tinha visão. Lembro-me ainda muito bem de alguns trabalhos que me chamaram atenção, foram as tapeçarias onde retratavam índios e outra de uma exposição de cerâmica, que consistia em pequenas peças jogadas ao chão como se fossem folhas no outono. O que mais me surpreendeu foi a obra premiada, composta por um pano colorido, que um dia havia sido uma vela de um barco, o que me causou surpresa, justamente porque não consegui ver, em nenhum momento, algum tipo de expressão, enfim, não consegui ver arte naquilo.

É muito interessante fazer esta reflexão e perceber que restou muito pouco das minhas memórias visuais. E hoje sei que, no passado, quando havia aquele desejo louco de pintar e aquela busca frenética para alcançar a perfeição, não era nada mais do que a tentativa de pintar tal como os pintores famosos e consagrados, aqueles que continuam presentes em minhas memórias visuais. Desta forma, pode-se perceber o quanto é forte tudo isso: tendências e padrões influenciando na criação dos artistas.

Hoje, ao fazer uma análise das minhas memórias, constato que restou muito pouco da memória visual da arte da cerâmica, mas o mais interessante disto tudo é que isso não me impossibilitou de criar trabalhos expressivos, trabalhos estes que fluem com muita facilidade e naturalidade. Hoje penso que a falta desta memória só veio trazer benefícios para mim, porque, assim, não fico exposta a estas interferências visuais que acredito fazem parte de um leque de fatores a influenciarem a criatividade dos artistas.

Por isso, posso dizer que percebo, em meu trabalho, esta diferenciação, entre quem faz e/ou aprecia e vê e quem faz e/ou aprecia e não vê. O diferente está no que hoje já não existe mais: é o compromisso dos antigos padrões. Hoje existe sim a liberdade de expressão e o respeito por mim mesma, não me impondo violências. Quando falo de violências, quero dizer que procuro fazer sempre o que a minha alma quer expressar.

Na realidade, os valores estão nas coisas bem feitas, com amor e sentimento. Faz-se necessário que haja sentido em tudo o que fazemos. Quando representamos em uma cena teatral, de nada adianta ter um cenário e um figurino maravilhoso, se o ator não conseguir representar com todo o sentimento e emoção a sua cena. Creio que uma boa interpretação é aquela em que podemos viajar e sentir, junto com o intérprete, toda a emoção e vibração do momento, sem precisar vê-la. Outro exemplo é, em uma apresentação musical com todo o equipamento necessário, uma platéia maravilhosa, de nada adianta tudo isso, se o cantor intérprete não estiver de corpo e alma, cantando com todo o seu sentimento.

Na poesia, podemos também perceber quando não há a sintonia do pensamento, do envolvimento, não basta que as palavras rimem.

Da mesma forma, acontece na pintura, no desenho, na escultura, na fotografia, no cinema e em todas as formas de expressão artísticas. É desta forma que vejo, penso, sinto, percebo e faço arte. Não saberia dizer se há estudos pertinentes a esta forma diferente de olhar. O que eu quero dizer é que existe um olhar muito além do que vemos, e é este olhar diferente que hoje me chama atenção,

pois é através das entrelinhas que surgem as minúcias que nos levam a buscar a essência de tudo em nossa volta, por intermédio das sensações, vibrações, mistérios e, principalmente até mesmo, da imaginação.

Muitas vezes, olhamos, mas não vemos: às vezes, paramos para olhar alguma coisa, mas, na realidade, se alguém nos perguntar o que vimos, não saberemos dizer. Por quê acontece isso? Na realidade, nem tudo o que vimos é interessante aos nossos olhos, porque cada pessoa aprende a olhar de uma maneira e dirige o seu olhar ao que lhe é prioritário.

Outros exemplos bem comuns em nossas vidas e que também passam despercebidos, cito, a seguir: Será que você já notou as rugas que existem no rosto de sua mãe? Que seu filho ou filha está se tornando um homem/mulher? Já observou em sua volta como anda a natureza? Viu os pássaros, as árvores, o vento, sentiu o aroma no ar? Você já se deu conta daquela plantinha que está nascendo?

Falo a respeito disto, porque somente hoje, é que me dei conta do quanto não aproveitei o meu olhar e o meu ver. Percebo hoje, que muito do que eu tinha possibilidade de ver, eu desperdicei, porque acreditava, que teria tudo, sempre a minha disposição, em frente aos meus olhos, no momento em que eu quisesse.

Por isso, hoje digo que olhar não é o mesmo que ver, ver é muito mais profundo. Ver e perceber andam lado a lado, penso até que a percepção é tão importante quanto a visão, porque podemos perceber de diversas formas. Então, podemos dizer que a percepção das coisas pode acontecer através do tato, da audição, do olfato, da sensibilidade, das sensações, das emoções, das vibrações. Talvez haja até outras formas de percepção que eu não tenha citado.

Ao falar sobre todas estas formas de percepção, me fez lembrar uma frase que normalmente as mães usam dizer aos seus filhos numa visita: “meu filho, olhe com os olhos e não com as mãos”. Hoje entendo o porque disto: É claro que elas querem evitar acidentes ou constrangimentos das pessoas estarem pedindo para não tocar. É muito difícil, para uma criança, olhar as coisas e não tocá-las, pois creio que, para ela, a percepção das coisas passe pelo tato, a sensibilidade delas é muito mais aflorada.

Isto me leva a pensar e recordar, da tentativa que fiz para ver a exposição de August Rodin no Museu de Arte de Santa Catarina. Naquela oportunidade, já me encontrava cega e foi muito frustrante, pois fui impedida de tocar as obras. No momento exato em que eu ia colocando a mão, alguém chegou e não permitiu que eu as tocasse. Senti-me exatamente, como nos tempos de infância, quando minha mãe não me permitia tocar nas coisas. Por mais que houvesse explicações a respeito das obras, não foi suficiente para satisfazer o meu desejo louco de tocar naquelas obras.

Esta questão de não permitirem as pessoas tocarem nas obras deveria ser revista. É claro que existe o problema da conservação das obras, mas, com certeza, nos tempos atuais, já deveria haver formas que possibilitassem a todos, sem distinção, de tocarem nas obras em exposição. Isto porque não é somente o cego que tem a necessidade e o desejo de tocar nas obras. Todos nós, videntes ou não, possuímos desejos semelhantes, e dentre eles, algumas pessoas necessitam do toque, para poder perceber as texturas, as vibrações e as emoções, que, com certeza, emanam de algumas obras. Assim, todos poderiam estar apreciando e avaliando a arte.

O fotógrafo cego, Bavcar (2003) também fala de um ver diferente do comumente pensado e falado. Em entrevista à Folha de São Paulo em 06/09/2003, cita que é cego como os astrônomos, eles apenas olham de maneira indireta e que todo mundo se vale do olhar do outro, só que em outros planos, sem se dar conta. Quando Bavcar diz que vê como os astrônomos, interpreto da seguinte forma: assim como os astrônomos não vêem diretamente os seus focos de pesquisa, da mesma forma ele também os busca através de outros meios, como por exemplo, da imaginação e também das informações que recebe das pessoas.

O filme “Janelas da Alma”, produzido por João Jardim e Valter Carvalho, em 2001 e lançado no Brasil em 2002 também aborda a questão do olhar, os problemas e acertos decorrentes dele, segundo a perspectiva do artista. O Diretor e o Fotógrafo recorreram à filosofia, à medicina, à biologia, à música e à literatura para investigar o que é a visão. Este filme é fruto de pesquisa realizada, no Brasil e Europa, num período de cinco anos. Durante este tempo, foram colhidos vários depoimentos, relatos e pensamentos. Os dezenove entrevistados escolhidos apresentam algum problema visual, que vai desde a miopia à cegueira. Neste filme encontram-se, entre outros, os depoimentos do músico Hermeto Pascoal, do poeta Manoel de Barros, do fotógrafo Evgen Bavcar, do escritor José Saramago, da atriz Marieta Severo e do vereador mineiro Arnaldo Godoi falando sobre o ver, o não, ver ou o ver maneira única e intransferível.

O escritor José Saramago fala no filme que, se enxergássemos tal como as águias, não seria tão bom assim, pois enxergaríamos muito além do nosso olhar. Fala, também, de suas experiências do ver e conclui que sempre devemos olhar as coisas por todos os ângulos, para que não tenhamos decepções. Fala ainda que “somos todos cegos, cegos da razão, cegos de sensibilidade, enfim, cegos por nos termos tornado seres egoístas, insensíveis, transformando o mundo cheio de desigualdades, de sofrimentos sem justificação.” (JANELAS..., 2001). O Músico Sivuca fala com humor de sua disfunção visual. O Vereador Arnaldo Godoi também fala de sua vida, com naturalidade e humor.

Janela da Alma é um filme de expressão pessoal que aborda diferentes formas do ver. Pude perceber, ao assistir este filme, que cada um fala de forma diferenciada, com mais ou menos emoção; que alguns já incorporaram a forma diferente de ver e fazem disto uma virtude, sabendo sair das dificuldades sem maiores problemas, mas outros, como fala Marieta Severo, em seu depoimento nem se quer podem imaginar não ver o outro a sua frente. As formas de olhar são diversas, sendo umas mais profundas que outras, como diz José Saramago, quando fala com sentimento e emoção que o ser humano é insensível e nem sequer consegue ver o outro a sua frente. Infelizmente isso é uma realidade que não podemos negar.

Até o momento, falei dos conceitos, dos valores e padrões, da forma de olhar e perceber esta arte, mas tenho ainda de falar sobre os valores do produto propriamente dito. É muito difícil definir valores, pois cada obra possui sua individualidade, forma e expressão. Uma obra de arte, muitas vezes, pode ser considerada boa pelos críticos, mas o seu criador poderá não considerá-la tão boa assim, podendo o contrário acontecer também.

Vamos supor que alguns critérios sejam estabelecidos para avaliar uma obra e, dentre eles existam critérios como: acabamento, harmonia e movimento. Se, por acaso, uma das obras avaliadas por um desses critérios não for aprovada, ela deixará de ser considerada uma boa obra. Mas vamos imaginar que, exatamente no critério acabamento, uma obra não foi aprovada, mas o seu criador tivesse a intenção de parecer que sua obra estivesse inacabada, ou ainda dar a impressão de que ela ainda quisesse crescer? Por este motivo, penso que jamais deveremos estar comparando obras, ou exigindo a perfeição, pois muitas vezes, são justamente nas imperfeições que moram os mistérios e a imaginação, que fazem com que os apreciadores viagem juntos.

Sabemos que, no passado, a arte era muito rígida. Eram os mestres quem ensinavam a seus discípulos, e estes deveriam seguir a todos os seus mandamentos até alcançar a perfeição ditada por seu mestre. Onde é que estavam os valores, naquela época? Os valores encontravam-se exatamente na perfeição da cópia, do jeito de trabalhar, ficando, desta forma, o discípulo preso a seu mestre, que era idolatrado como um ser dono de todo o saber. Tanto que as obras criadas pelos discípulos eram acabadas e assinadas por seu mestre, isso até que o mestre o considerasse pronto para seguir o seu caminho.

Um exemplo muito forte, que podemos citar, é a história de Camile Claudel e August Rodin, contada no filme “Camile Claudel”, produzido pelo Diretor Bruno Nuytten e lançado em 1988. Rodin, artista francês e Camile sua discípula,

que se mostrou fervorosa e persistente, tão persistente que acabou enlouquecida e só. O enredo do filme conta que Camile apaixonou-se por Rodin e que muitas das obras que foram realizadas por ela, foram assinadas por Rodin e consideradas dele. É claro que hoje vivemos em outros tempos, mas se analisarmos sob o ponto de vista atual, diríamos que isto se trata de exploração e jamais poderíamos considerar válido tal ato.

Os valores encontram-se ligados ao conceito de belo. Mas, na verdade, o que é belo? O belo existe? Tudo é muito relativo, pois se trata de uma questão muito pessoal, porque, muitas vezes, o que é belo para mim, poderá não ser para a outra pessoa. Mas continuo insistindo, em que todo o trabalho que possui expressividade, emana emoções, instiga a nossa imaginação, nos remete a outros momentos ou sensações, sempre será arte, e irá agradar a esta ou aquela pessoa, ou até mesmo outros fatores que o apreciador busca.

Mas como podemos avaliar um trabalho produzido por uma pessoa caracterizada como deficiente? Não é a amizade, nem a piedade que devem ser tomados como critério para considerar o valor estético de uma obra. Cada artista desenvolve o seu trabalho, seguindo o seu próprio estilo, de acordo com as suas habilidades e possibilidades, e sempre deverá procurar aprimorar-se, para assim buscar uma boa qualidade em seu trabalho. Quando falo de qualidade, está envolto, aí, toda a expressividade e emoção que todo o trabalho deve ter.

Toda obra produzida, por qualquer pessoa, seja “deficiente” ou não, ao ser avaliada, deverá seguir os mesmos critérios estabelecidos, para avaliação de trabalhos, sem distinção, deste ou daquele artista, ou trabalho. Critérios estes que normalmente seguem normas já pré-estabelecidas. Com certeza, haverá pessoas a considerar injusto, quando trabalhos de “deficientes” estejam competindo em um mesmo espaço, ou tempo, com trabalhos de pessoas que não são deficientes, para serem avaliados com os mesmos critérios utilizados para todos. Penso não ser injusto, pois, se queremos lutar por uma inclusão, teremos que estar convivendo com todas as normas e critérios já existentes, ou então, como se justificaria o trabalho de Aleijadinho - Antonio Francisco Lisboa, de Ludwig Van Beethoven, ou de outros artistas consagrados? Eles existiram, foram maravilhosos, e, nem por isso, a “deficiência” interferiu em seu sucesso.

Quando há a preocupação de se saber a quem pertence este ou aquele trabalho, logo fica implícito que poderá haver discriminação.

## Da compaixão

A compaixão e a piedade pelas pessoas caracterizadas como deficientes, ocorre com uma certa constância. É evidente que a população em geral não está acostumada a ver pessoas caracterizadas como deficientes, fazendo arte e isso os torna comovidos. Muitas vezes, acabam adquirindo obras de arte, ou indo a alguma apresentação artística destas pessoas para colaborar, por simplesmente ter piedade, não conseguindo ver sequer se existe um valor artístico.

Sei que vivemos em uma sociedade preconceituosa e cheia de valores equivocados, onde a “deficiência” é sinônimo de incapacidade e incompetência e, por este motivo, devem ter piedade destes seres “tão frágeis e indefesos”. Tenho consciência de que hoje já não há mais lugar para isto. Evoluímos muito, as pessoas “deficientes” estão saindo dos seus esconderijos para alcançar a possibilidade de estar trabalhando, produzindo e realizando-se, em alguma carreira artística, ou em qualquer outra atividade profissional.

A arte é um elemento de muita importância que preenche espaços vazios de qualquer ser humano, sendo que o “deficiente” atualmente tem procurado se envolver com a arte bem mais do que no passado. A arte é um dos fatores transformadores de nossas vidas. Ela funciona como uma alavanca que impulsiona e revigora, proporcionando prazeres, acendendo emoções e sensações.

## Considerações finais

Configura-se muito difícil para nós, artistas “deficientes”, termos que conviver com este fator piedade, pois ele nos discrimina, tornando muito mais difícil a nossa caminhada. Porque, na realidade não é isso o que buscamos. Nosso desejo é de trabalhar, fazer nossa arte, transmitir nossas emoções e sentimentos. Creio que este é também o desejo da maior parte das pessoas que se encontram nesta condição. Enquanto o fator piedade estiver imperando, infelizmente a nossa caminhada para buscar nosso espaço será muito mais morosa, pesada e difícil.

Mas se continuarmos trabalhando, produzindo, criando, deixando fluir todas as emoções, deixarmos de ter medo, sairmos do nosso casulo para enfrentar esta nossa sociedade enlouquecida, pouco-a-pouco, estaremos conseguindo nosso espaço de direito e de igualdade. Espero, pois que, no futuro, as diferenças possam viver naturalmente junto a todos, que não haja mais aquele olhar diferenciador. Que todos aprendam a olhar, observar tudo a sua volta, de forma prazerosa, sem ficar procurando ou identificando o diferente.

Jussara Maria da Silva

## Referências

- CAMILE Claudel. Direção: Bruno Nuytten. França: Look Filmes, 1988. 1 videocassete (160min.), VHS, son. Drama.
- CHIODETTO, Eder. *Entrevista Evgen Bavcar*. Folha de São Paulo, 6 set. 2003. Opinião da imprensa. Disponível em: < <http://www.cosacnaify.com.br> >. Acesso em: abr. 2004.
- ENTLER, Ronaldo. *Acaso e arte introdução ao problema*. 1996. Disponível em:< <http://www.plural.com.br/textos/artacaso.htm>>. Acesso em: abr. 2004.
- FONTES, Carlos. *Navegando na filosofia*. [200-?]. Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/> >. Acesso em: abr.2004.
- GOULART, Ferreira. Entrevista. *Revista Cult*, São Paulo, n. 60, 2002. Disponível em: <<http://www.revistacult.com.br> . Acesso em: Abril de 2004.
- GULLART, Ferreira. Relâmpagos. São Paulo, 2003. Editora Cosac Naify. Texto pesquisado da WEB. Disponível em <http://www.cosacnaify.com.br/noticias/gullar.asp>. Acesso em ABR/2004.
- GOULART, Ferreira. *Entrevista*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2003. Disponível em: < <http://www.cosacnaify.com.br/noticias/gullar.asp>>. Acesso em: abr. 2004.
- JANELAS da alma. Direção João Jardim; Walter Carvalho. Roteiro: João Jardim. Direção de fotografia: Walter Carvalho. Montagem: Karen Harley; João Jardim. Brasil: Copacabana Filmes, 2001. 1 videocassete (73min.), VHS, son. Documentário.
- VALE, Lúcia de Fátima do. *A estética e a questão do belo nas inquietações humanas*. [200-?]. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>>. Acesso em: abr. 2004.

Jussara Maria da Silva  
Rod. Amaro Antonio Vieira, 980 – Apart. 304  
Bairro: Itacorubi  
88034-101 - Florianópolis – SC  
Email: [jussaracedro@porttal.com.br](mailto:jussaracedro@porttal.com.br)

Recebido em: 28/10/2004  
Aprovado em: 10/12/2004